

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
21 e 27 de fevereiro de 2025

MILDRED PIERCE / 1945

Alma em Suplício

Um filme de MICHAEL CURTIZ

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Ronald MacDougall, a partir do romance de James M. Cain / **Fotografia:** Ernest Haller / **Montagem:** David Weisbart / **Direcção Artística:** Anton Grot / **Décors:** George James Hopkins / **Música:** Max Steiner / **Guarda-Roupa:** Milo Anderson / **Interpretação:** Joan Crawford (Mildred Pierce), Jack Carson (Wally), Zachary Scott (Monte Bergaron), Eve Arden (Ida), Ann Blyth (Veda), Bruce Bennett (Bert Pierce), Lee Patrick (Maggie Biederhof), Moroni Olson (inspector), Veda Ann Borg (Miriam Ellis), Jo Ann Marlowe (Kay), Barbara Brown (Mrs Forrester), Charles Trowbridge (Williams), Butterfly McQuenn (Lottie), etc.

Produção: Jerry Wald para WARNER BROTHERS / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 110 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 24 de Setembro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 2 de Dezembro de 1946

Mildred Pierce é um exemplo clássico do filme em que os dois géneros “filme negro” e “melodrama” convergem, donde resulta um objecto híbrido em que as componentes principais dão pelos nomes James Cain e Warner Brothers, por um lado, e Joan Crawford, por outro. O que é que isto significa? Será talvez necessário começar pela componente Joan Crawford.

Joan Crawford na Warner é uma situação estranha, pois durante os dezoito anos em que a “imagem Crawford” foi gradualmente imposta ao público como a de uma das grandes estrelas de Hollywood, a actriz fez 55 filmes para a MGM entre 1925 e 1943. Só uma vez, em 1926, é que Crawford participou num filme que não era produzido pela Metro, o **Tramp, Tramp, Tramp** de um argumentista chamado Frank Capra, para o estúdio First National. Tirando, portanto, esta comédia com Harry Langdon, Crawford foi, durante o mudo e a primeira década do sonoro, dos pés à cabeça uma “MGM star”, um elemento fundamental do trio em que as outras estrelas eram Garbo e Norma Shearer, parte integrante da imagem de marca do mais opulento estúdio de Hollywood. O problema é que a Metro mudou nos anos quarenta; e depois de Garbo e Shearer terem desaparecido, Crawford não ficou, estranhamente, no estatuto de *prima donna assoluta*. Sentiu-se cada vez mais desadaptada e farta de papéis em que tinha pouco mais que fazer do que transportar figurinos desenhados por Adrian de um lado para o outro dos opulentos cenários de Cedric Gibbons. Achou que tinha que dar outro rumo à sua carreira. E fê-lo. Depois de **Above Suspicion** de Richard Thorpe, despediu-se da Metro e assinou um novo contrato com a Warner. Mas para quem tenha uma ideia de que eram as condições de trabalho na Warner mesmo para as grandes estrelas como Bette Davis, Bogart ou Cagney, poderá parecer que Crawford ainda ficou pior do que estava, pois se na Metro as estrelas eram idolatradas mas obrigadas ao mesmo tempo a aceitar filmes que não queriam, na Warner as estrelas eram tratadas à pedrada e obrigadas a aceitar filmes que tanto elas como Jack Warner sabiam perfeitamente

serem os piores para as suas carreiras. Mas Crawford vinha da Metro com um estatuto de monstro sagrado, e ficou acordado que ela só seria incluída em projectos que lhe interessassem. Na prática, isto significou que Crawford teria de esperar dois anos até voltar a entrar num filme. Esperou estoicamente até aparecer o argumento que ela queria, e esse argumento foi **Mildred Pierce**.

Na base estava um romance de James Cain, o autor de **The Postman Always Rings Twice**. Por outras palavras, a carga de atmosfera tipo "filme negro" estava já no argumento desde o início. Para além do mais, o filme negro era especialidade da Warner: aquela estética peculiar resultante da iluminação contrastiva, dos cenários tão tipicamente "Warner" como os da Metro eram "Cedric Gibbons", dos figurinos muito mais sóbrios do que os dos outros estúdios, da maquilhagem mais discreta - tal estética era apanágio do estúdio de Jack Warner. Tudo dava a entender, por conseguinte, que o veículo característico de Crawford, o melodrama, não se coadunaria com o tipo de cinema que se fazia no novo estúdio da diva. Mas o que se provou é que a Warner era mesmo o que a carreira dela estava a precisar. E não é por acaso que, apesar da fortíssima concorrência oferecida por estrelas muito mais ao gosto dos "forties" como eram Ingrid Bergman, Greer Garson, Gene Tierney e Jennifer Jones, foi com **Mildred Pierce** que Crawford finalmente ganhou o Oscar que tanto desejava.

Hoje em dia, **Mildred Pierce** avulta como um filme mais do que um pouco datado. Os momentos de "filme negro" são excelentes: o assassinio inicial de Zachary e os planos de Crawford a contar a sua história a Moroni Olson ainda produzem um bom efeito. Mas a componente melodramática do filme lembra talvez demasiado o ideário da *soap opera* para resistir à comparação com outros melodramas de Crawford, com outros filmes de Curtiz, ou simplesmente com os melhores exemplares do cinema negro tal como este foi cultivado pela Warner. Claro que Crawford é, como sempre, fabulosa, mas isso não impede que o filme não consiga ultrapassar, por assim dizer, a soma das suas partes, apesar da sequência inicial ser absolutamente de pôr os cabelos em pé: os tiros dados a Scott, que diz «*Mildred...*» antes de morrer; o plano de grua de Crawford a passear sozinha no meio da noite; a tentativa de suicídio; Carson enclausurado na casa da praia com o cadáver de Scott ao lado... que pena que Curtiz não tenha conseguido manter o *élan* deste início magistral. O outro ingrediente forte do filme, a relação entre Crawford e Ann Blyth (mãe e filha), está demasiado pautado no registo do exagero para funcionar de modo pleno e o que se passa entre Crawford, Carson, Scott e Bennett peca pelo defeito contrário, de não estar suficientemente desenvolvido. Fica (quase) tudo reduzido à força avassaladora do desempenho e da presença de Crawford. Mas talvez fosse precisamente isso que se pretendia.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico